

## Poesis de Caosmos: Criação-trans-Criação

Paulo Jesus

**Como citar:** JESUS, P. Poesis de Caosmos: Criação-trans-Criação *In* : SOUZA, R., RANCAN, U.(org.). **Transcrições**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p.10  
DOI:<https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-284-0.p10>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

PAULO JESUS<sup>1</sup>

Há uma órbita contínua de fogo na tua janela, talvez também nos teus olhos.

Assim, compreendo por que vês respirar outros mundos possíveis através da gênese da luz, gênese das elipses da luz, gênese das inflamáveis elipses da luz entre corpos... percebendo a radiação trans-criadora, tateando a ideia radiante de Criação-trans-Criação, ardendo na alegria das pupilas dilatadas para Te Amar no Princípio do Espaço.

Elipses da luz entre corpos, este é o método do Espaço.

Arte pela Arte, Vida pela Vida, Amor pelo Amor, perdidamente permanecemos no Princípio.

Visões-trans-Visões de finitude trans-finita, a janela abrirá o peito do Princípio.

A tua janela é agora Onde-por-Onde passamos para o Princípio, aprendendo a beijar o Real, devindo intimamente a nudez do fogo, a nudez do álcool, a nudez do mito. Quanto mais poético, tanto mais verdadeiro o sentido, Capaz-de-Princípio.

Uma diagonal une as elipses da luz entre corpos, desenhando o Espaço, desde o útero materno até ao futuro absoluto, nova transcendência da Imaginação que ama as Incógnitas, perdidamente.

Na tua janela, amamos perdidamente os sentidos exorbitantes, repousando nas órbitas da gênese, nas órbitas criadoras-trans-criadoras. Amamos perdidamente os sentidos, até às ondulações mais íntimas das formas, pura energia que atravessa todas as formas, energia transformante.

Imaginamos o interior das formas, entramos na parábola da intimidade e da nudez, perdendo e encontrando os sentidos, outros sentidos, a alteração contínua de todos os sentidos. Sentes a ondulação íntima? Acontece sentir?

Nos teus olhos, acontece Sol, o mais Oriental Sol, o Sol-Fonte, escorrendo novas matérias e novas formações-trans-formações das matérias com fogo subjacente, inflamando álcool, animando mito, talvez tudo convergindo para Eros.

Na nova imagem, descobre-se o absoluto pulmão do Sol, Onde-por-Onde respiramos e onde vibramos e onde sentimos os nexos abertos de Tudo, talvez seja a convergência universal para Eros. Amamos perdidamente as ondulações convergentes.

No coração do sol, vibram os músculos negros do meu labirinto: uma melancolia de corpos-onde, de corpos-quando, de corpos-ignorantes da Palavra que desloca o Fogo.

Cada labirinto tem infinitas bocas que clamam, proclamam, exclamam coisas incógnitas sobre a voracidade do Espaço.

Devoras-me, boca-a-boca? Compreendes-me, olhos-nos-olhos?

Aceitamos que entrar no labirinto, no processo de devoração, é necessário para compreender-se, face-a-face?

E se num instante o universo inteiro fosse o Vermelho vivo de uma pétala, de um  
lábio, de uma chama?

E se todo o Mistério se concentrasse na densidade do Vermelho vivo de um glóbulo de  
sangue ou de cristal?

Onde poderia pernoitar a ondulação das Ânrias primitivas?

Onde poderia perdurar a ondulação da sede e da fome e do espanto?

Cada lâmpada projeta sua flecha de sombra.

Também cada estrela projeta seus eclipses permanentes, dependendo das linhas e dos ângulos.

Como água, a sombra escorre no rosto que interroga a Luz, talvez a metáfora mais antiga da aproximação de Deus.

Cada lâmpada oferece um abrigo de sombra para repousar meus olhos que tanto ardem ao Meio-Dia.

Como o círculo da fonte, todo o abrigo de sombra chama-nos para tocar o chão, corpo-a-corpo.

Cada lâmpada tem a fonte exata para a minha sede noturna.

Eros tem muitos sentidos, mas somente o Tato transporta Eros para a Inteligência mais sensível Eros, tateando, eleva-se à Omnisciência

Eros, tateando, compreende a verdade cega, a verdade da procura e do encontro.

Eros, tateando, compreende a loucura cega, a loucura da exaustão e da distância e do abismo - onde novas flores brilham perdidamente para Principiar outro jardim.

Eros, tateando indefinidamente, sobe a árvore do centro do jardim e compreende a verdade de florescer e compreende a loucura de murchar.

Tateando o tronco frio, o vento glacial, a memória perdida, Eros compreende as folhas secas - onde imaginamos os frutos, os frutos de carne, os incêndios dos frutos de carne, beijando boca-a-boca, escrevendo um poema sobre a nudez, peito sobre peito, sete dias de Gênesis.

Acredito no mito da vida: Originação sincrónica de húmus e sopro, isto é, ondulação da possibilidade orgânica no Vazio ou no Pleno.

Desejo-Te capaz do Possível Transfinito!

Imaginais que o tempo e o espaço são somente vibrações de luz Vermelha dentro dos corpos vivos aflitos dos animais, desenhando o perímetro do horror do vácuo.

Imaginais, depois, que o sangue do coração bate os segundos mais lancinantes das horas contra o vácuo, ou sobre o tambor infinito do vácuo.

Imaginais, no clímax, que compreendeis a refração e a cintilância da luz Vermelha nas veias íntimas do vácuo.

Após tanto imaginar, podeis agora dilatar as pupilas e ver terrivelmente, isto é, tocar nos lábios.

É novamente a hora de Epifania de fogo no núcleo da vida: fulguração de Lógos com a sua conatural loucura ardente (i.e., pirofilia e piromania endógenas).



Tudo é possível: Geometria absolutamente aberta da Gênese.

No Princípio, era a indefinida linha, a indefinida parábola, chamando o Caos para o seu ventre, aquecendo lentamente as formas, gerando a primeira paixão do espaço-tempo: sensação corpórea integral de Origem.

Absolutamente solar, a minha memória da intensidade amarela, entre os olhos e os pulmões.

Também na matéria absolutamente solar de algumas memórias minhas, há uns pontos cegos de ausência e de obscuridade, talvez sinais hieróglifos que se injetam sobre a pele para leituras futuras à hora certa de Desejante Compreensão.

Nesses pontos, nesses sinais, concentro-me, procuro-me, insisto-me.

Fixar os olhos no Sol e sobreviver?

Todo o texto, todas as células do texto, toda a trama das células do texto, tudo irradia ou ecoa ou tece um incerto Apocalipse de Sol.

Espero que a pele humana seja ainda capaz de arder ou significar ou reunir através todo o texto onde o Sol bebe álcool, entre Alfa e Omega.

Vários horizontes possíveis chamam por nós.

Somos a Vocação do Longínquo nesta morada instável. Aqui, imagino que não temos casa, somente uma janela embriagada de sol, ocultando o seu êxtase com véus, cortinas, camadas de pele sobre o peito.

Vários horizontes possíveis desenham estas linhas do tecido do véu, cortina, pele humana, aquecendo o Inverno, o Norte do Mundo, através-contraluz.

Ouves? Sentes? Pressentes? Adivinhas? Vibras talvez pressentindo? Crês que a tua "alma" é o evento da paisagem? Reconheces que o "exterior", a "coisa extensa lá fora" é a tua ondulação mais íntima?

Acontece, no princípio. Acontecerá talvez, cada manhã, ouvir e sentir a nudez do Caos, a epifania e a epiderme intocável da nudez do Caos?

O exterior atravessa o meu amor do mundo vivo: Caosmos.

Chamo-me curso de silêncio e luz intermitente: Manhã, Tarde, Noite.

Desejo sempre outro dia, outra luz, outra noite, outras trevas interiores.

Todas as passagens são sensações muito íntimas. Esta galeria de arcos sombrios  
desdobra uma passagem para aqui-dentro-além.

Aqui, outra intimidade mais tátil escorre para o centro da passagem, talvez fuga,  
talvez abrigo, meu leito navegável.

Quantos pontos de fuga e quantas linhas de fuga podemos desenhar e amar na  
mesma passagem?

O sol penetra nas células, nos tecidos, nos órgãos.

Agora, respiramos ao Meio-Dia, integralmente. O sol injeta suas sementes de fogo como um infinito relâmpago simultâneo. É Meio-Dia no Cosmos uno e todo.

Agora, somos a radiação, a verdade da radiação. Por fim, o véu divino e a pele humana cintilam no ar, no álcool do ar, no êxtase do álcool do ar.

Tateando, aproximando os limiares de sentir, Eros compreende os Possíveis Enigmas, face-a-face, peito-sobre-peito, olhos-nos-olhos.

Qual a distância entre a pele humana e a Verdade do Sol? Como Eros, a terrível transparência de Eros, atravessa as células, os tecidos, os órgãos?

Ambiguidade infinita dos véus infinitos sobre o corpo: Sucedem-se eras após eras de persistentes véus e desvelamentos. Ainda não somos a Era da Nudez.

A opacidade resiste. Transparece nas letras, nas palavras, nos textos expostos à penetração do sol.

Onde as linhas se encontram, nasce o nó.

Na cruz do nó, há ainda interstícios de vácuo.

Quem somos intimidade das fibras?

Aí corre um vento através do chão e do céu de Vermelho vivo, o mesmo que vibra  
no útero desde a adolescência de Cosmos e Caos e Eros.

Onde o nó se ata, cresce um músculo, com diversas translações, produzindo a  
arquitetura de carne do coração.

Onde há muito vácuo-sem-horror, vácuo capaz de silêncio e de expansão, talvez  
uma raiz, uma religação à raiz, um nexo radical, uma oração que deseja e alucina o  
Possível Transfinito.

Eis aqui a evidência da argila e a evidência nas mãos mergulhando na argila-em-  
metamorfose!

(De onde vêm as formas, flutuando entre algo-e-nada, as formas ainda tão líquidas,  
tão indefinidas, tão potenciais? É pré-aurora no Cosmos.)

Eis a evidência do Princípio e a evidência do inacabamento do princípio-em-fluxo,  
chamando indefinidamente um corpo possível para nascer!

Meditação sobre a hipótese da alma-eu-mónada na Sintaxe Total da energia  
sanguínea dos círculos.

Cada "alma" tem sua ânsia de perfeição, desejando saltos descontínuos no Continuum  
Infinitum da dinâmica de tudo-com-tudo.

Imaginemos a expansão simpática e simpoiética da Criatividade íntima de tudo-em-  
tudo. Uma esfera vermelha aquece e cresce e produz "catástrofes", i.e., metamorfoses  
qualitativas subteis e abruptas.

"Deus", Força Primeira, Proto-Pan-Poiesis, injeta energia em cada instante e, assim, tece  
o nexu perdurante do Uno Transfinito.

Cada "alma" é epifania do motor de Eros e, portanto, deseja e existe desejante.

Cada "alma" deseja e segue o Desejo e prossegue na sua fluxão Deseja a sua fulguração  
contínua para emergir e saltar e progredir no sentido da Plenitude.

"Deus" anima o Desejo com a eficácia da sua Pan-Poiesis, Infinito Contínuo da sua  
Dinâmica, Motricidade fundante de todos os motores e de todos os móveis.

"Deus" é a Transcrição perdurante.

(Leibniz explica noutros termos, que ainda não sei interpretar melhor, em Ensaio de  
Teodiceia, I, 91.)

É tão triste a Primavera à flor da pele! A loucura deflagra com o fim das neves.

Muita guerra espera os primeiros sinais de florescimento.

Uma tristeza de ciclo, tristeza do pretérito imperfeito: havia novamente, acontecia  
haver novamente. Repetia o ciclo, prosseguia a repetição do ciclo.

Tristeza de mulher no pretérito imperfeito do corpo repetente, acima da vontade e do  
desejo.

Ciclo de seiva e sangue, havia repetição da loucura colorida desdobrando a carne das  
pétalas ao ar livre, acima da vontade e do desejo.

É tão triste enlouquecer à flor da pele, como se a Primavera fosse o eterno retorno da  
potência anónima.

Ciclo de seiva e de sangue, havia aquecimento no fluxo da noite, acontecia haver a  
Mecânica da deflagração, acima da vontade e do desejo.

Explodia o espanto através das flores, rumando para frutos, entre os dedos e os dentes  
Metáfora da aproximação de Eros, o terrível, o voraz, o predador que ataca boca-a-  
boca.





Uma passagem subsiste nas trevas interiores.

As trevas interiores subsistem também na passagem.

Chamo-me Noite, por vezes irmã de Holocausto e de Apocalipse e de Ausência;  
outras vezes, somente um Tudo-de-nada capaz de mostrar a questão do Princípio mais  
original e do Fim mais derradeiro.

Noite ou laboratório das Primeiras e das Últimas matérias: arqueologia e escatologia.  
No meio da compacta Noite, no vetor da vasta Noite, no peito da casa dos arcos da  
vibrante Noite, uma passagem interior subsiste.

Tão compacta e tão vasta é esta obscuridade que nos inclina para a ternura humilde  
dos arcos fulgurantes, murmurando sílabas no chão e no ar.

Quase eclipse total, durante longas vidas noturnas eis a história heliotrópica de Lógos,  
a Carência entre Alfa e Omega.

Para evitar a loucura, aquém e além da guerra, imaginemos ao fundo da noite, o  
lugar-para-Onde os corpos vivos tendem a unir-se.